

*Memorial do Rio Grande do Sul
Caderno de História, nº 21
Luiz Antonio Bolcato Custódio¹*



Missões Jesuíticas Arquitetura e Urbanismo

Apresentação

¹ Arquiteto do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Mestre em Planejamento Urbano e Regional. Professor Titular da Faculdade de Arquitetura do Centro Universitário UNIRITTER.

Este trabalho tem por objetivo abordar a estruturação e o desenvolvimento das Missões Jesuíticas dos Guaranis sob a ótica da Arquitetura e dos Ordenamentos Urbanos². Procuraremos evidenciar a influência dos diferentes aspectos e atores que contribuíram para a consolidação desse processo civilizatório ocorrido durante a colonização europeia da América do Sul.

O tema das missões, por sua importância estratégica no contexto colonial, sempre despertou avaliações e interpretações apaixonadas. Na medida em que representou interesses de setores concorrentes como as duas Coroas, a Igreja Católica e os povos nativos, relacionados a territórios com fronteiras ainda maleáveis, comparece, na historiografia de cada país e na memória das áreas envolvidas, sob diferentes versões e interpretações, nas várias disciplinas interessadas em seu estudo.

As fontes primárias de informação disponíveis sobre as missões são constituídas principalmente por documentos produzidos pelos padres da Companhia de Jesus, em suas cartas e relatórios periódicos, pela correspondência oficial espanhola e portuguesa, assim como por relatos e diários de viajantes. Contemporaneamente, estudos desenvolvidos diretamente sobre os remanescentes arquitetônicos, arqueológicos e artísticos têm permitido aportar novos aspectos, relacionados, por exemplo, ao cotidiano nas reduções, contribuindo para complementar esse enorme quebra-cabeça.

Alguns autores e obras são referências básicas para estudar as missões. Como referência fundamental, a obra do Padre Furlong que possivelmente reúna o maior conjunto de informações documentais já publicadas sobre o tema. No campo da arquitetura e do urbanismo, as publicações de Lucas Mayerhofer e Hernán Buzaniche foram pioneiras. Atualmente, a principal referência nesta área é, sem dúvida, o arquiteto e pesquisador Ramón Gutierrez.

Nos últimos vinte anos, o tema das missões tem sido enriquecido pela contribuição de práticas em outras áreas, como a arqueologia, a antropologia assim como a preservação, envolvendo também centros de estudos universitários. Nestes campos destacamos Arno Alvarez Kern, Bartomeu Meliá, José Otávio Catafesto de Souza, Fernando Leal, Júlio Nicolau Barros de Curtis e Roberto de Stefano. Nossa experiência nesta área decorre da atuação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, órgão responsável pela preservação dos remanescentes missionários no Brasil.

O Contexto Americano

Antes da *Era dos Descobrimentos*, o continente americano era ocupado por diferentes culturas e civilizações nativas. Os assentamentos pré-históricos remontam a datações que atingem 12 mil anos antes do presente. Segundo Ribeiro³, a América era povoada por “(...) sociedades de nível tribal, as estruturadas já em estados rurais-artesaniais e mesmo os grandes impérios teocráticos de regadio (Inca, Maia e Asteca)”.

Pelo Tratado de Tordesilhas firmado em 1494, foram estabelecidos limites para as possessões decorrentes das descobertas das nações ibéricas, inseridas no contexto da expansão do *capitalismo mercantil*. A ocupação colonial do continente americano deu-se a partir e ao longo do litoral Atlântico pelos portugueses, e a partir do Caribe, de noroeste para o sudoeste, ao longo da costa pacífica, pelos espanhóis.

Com a chegada dos conquistadores, iniciou-se o processo de transformação e extinção de povos, civilizações e culturas estabelecidas tradicionalmente em todo o continente. As

² O conceito utilizado para a análise dos aspectos urbanos foi proposto por Françoise Choay, que os define como *ordenamentos urbanos*. CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo*. Coleção Estudos. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1980. p. 16.

³ RIBEIRO, Darcy. *A América e a Civilização*. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ. 1977. p.41.

populações nativas foram envolvidas nesse processo de diferentes maneiras. Por mestiçagem, por servidão e conquista ou pela dizimação sumária através de doenças. A mestiçagem foi a principal característica do sistema colonial, tanto no português quanto no espanhol. Ela moldou novos costumes, integrando comportamentos e elementos culturais de diferentes formações que passaram a conviver em espaços comuns.

No que se refere ao campo dos ordenamentos urbanos, as teorias das *idades ideais* do Renascimento, *geométricas* e *vitruvianas*, foram adaptadas por espanhóis e portugueses para serem implantadas nas novas terras conquistadas a partir das grandes navegações.

Apesar de ambos os impérios terem diretrizes gerais de urbanização baseadas em premissas semelhantes, na prática, as políticas aplicadas na América foram diferenciadas em razão dos contextos culturais encontrados nas duas frentes de ocupação e conquista. Para Reis Filho,

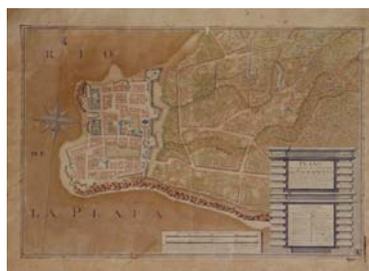
*A política urbanizadora de Portugal para o Brasil, até a metade do século XVII, contrastou com a orientação seguida nesta época pelos próprios portugueses na Índia e com a dos outros grandes colonizadores na América, especialmente os espanhóis.*⁴

O território português era povoado por inúmeros assentamentos de grupos nativos autônomos, espalhados no território, principalmente os Tupi-guaranis, habitantes da costa atlântica, enquanto no território espanhol existiam civilizações estruturadas, formadas por diferentes povos, localizadas na América Central e na região andina da América do Sul.

No território português, em sua primeira fase de ocupação, os princípios do planejamento luso pós-renascentista não foram aplicados da mesma maneira que nas demais colônias orientais portuguesas. Os investimentos da Coroa foram orientados principalmente às *Cidades Reais*, mas foi o programa de construção de vilas, estruturado a partir do século 17, que consolidou a utilização de traçados regulares. Para Delson,

*A pedra angular deste programa foi assentada em 1680, quando os portugueses fundaram a Colônia do Sacramento na margem oriental (esquerda) do rio da Prata, no seu estuário, exatamente do lado oposto da cidade espanhola de Buenos Aires.*⁵

Este programa de urbanização e ocupação planejada do território, proposto no século XVIII, apoiou a expansão das fronteiras brasileiras para o nordeste, norte, centro, oeste e sul.



Colônia do Sacramento

No território espanhol foram consolidadas, pouco a pouco, as sucessivas *Ordenações* estabelecidas para organizar a vida nas colônias, diretrizes que incluíam aspectos referentes aos ordenamentos urbanos dos novos assentamentos. Essas Ordenações que ficaram conhecidas historicamente como *Leis das Índias*, determinavam o respeito à *liberdade*

⁴ REIS FILHO, Nestor Goulart. *Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil – 1500/1720*. Tese de Concurso. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1964, p.60.

⁵ DELSON, Roberta Marx. *Novas Vilas para o Brasil Colônia*. Editora Alva Ltda. Brasília, 1998, p.14.

natural dos indígenas, mas estabeleciam o chamado *serviço pessoal*. Esse sistema, também conhecido como *encomienda* permitia que os colonizadores obrigassem os índios a trabalhar, como forma de *indenização* pelos serviços de *civilização e cristianização* recebidos.

A análise da rede urbana estabelecida no espaço espanhol, no que se refere à forma, função, localização, inter-relação e direção do crescimento urbano, possibilitou identificar alguns *elementos básicos* de uma *linguagem tipológica* que também são verificáveis na estrutura dos assentamentos missioneiros.

Além da ocupação leiga promovida pelas duas Coroas, também chegaram à América diferentes ordens religiosas católicas, num período em que a Igreja passava pela *Reforma* promovida a partir do Concílio de Trento.

Nesse processo, destacaram-se os Jesuítas, cuja ordem foi fundada por Ignácio de Loyola em 1540, que tiveram importante papel na relação com os povos nativos e na consolidação dos novos territórios. Nos dois contextos coloniais os Jesuítas promoveram a construção de inúmeros colégios, igrejas e povoados, por meio de missões e *reduções* que foram utilizadas na *Conquista Espiritual*. Do lado espanhol, envolveram as nações de Mainas, em Julí, no Peru, Moxos e Chiquitanos na atual Bolívia, os Chilotas no Chile e os Guaranis na região do Paraguai.

Cultura Guarani

Os Guaranis são povos migrantes, *nômades*, originários da Amazônia. Alguns grupos expandiram-se em direção ao sul, e aqui chegaram há cerca de 2 mil anos. Segundo Meliá⁶ eles vão em busca da *terra sem mal*. “A terra sem mal é antes de tudo a terra boa, fácil de ser cultivada, produtiva, suficiente e amena, tranqüila e aprazível, onde os Guaranis podem viver em plenitude seu modo de ser autêntico”. Diz ele ainda, “Entendemos por *modo de ser* o que em Guarani vem expresso por *ñande reko*, um conceito cuja semântica é sumamente rica”. Citando Montoya em sua obra *Tesouro da Língua Guarani* de 1639, “modo de ser, modo de estar, sistema, lei, cultura, norma, comportamento, hábito, condição, costume”.

Do território, o Guarani retira seu sustento: a caça, a coleta e eventualmente a pesca. Beneficia a floresta com a prática da *coivara*, utilizando o conhecimento da terra e de sua aptidão. Cultiva o milho, a mandioca, o feijão e as cabaças.

A unidade social fundamental é a família que é agrupada em torno do pai, do avô ou de um antepassado mítico que dá origem a uma linhagem. Do prestígio do chefe e de sua capacidade de agregação depende a força econômica e política do grupo e de sua expressão em caso de guerra.

O trabalho e as decisões são comunitários. A economia é baseada na reciprocidade e inexistente o conceito de propriedade privada, apesar de haver áreas de cultivo individualizadas, estabelecidas pelo consenso do grupo. As atividades são culturalmente divididas entre homens e mulheres. As mulheres plantam e colhem, os homens caçam. O Guarani não gosta de trabalhar só, nem de ser mandado. Prefere convidar e ser convidado. Trabalha em *butiró* (mutirão), em *chiquitano*, *minga*.

Os Guaranis viviam em amplos territórios com limites difusos, que asseguravam uma zona de transição entre um aldeamento e outro. Buscavam localizar suas casas em terrenos altos e arejados, onde as *casas-habitação* tinham uma relação fundamental com o *terreiro/praçã*, a *oka*, local em que se realizavam os *convites* e as *reuniões*. A grande *maloca* guarani que tradicionalmente podia abrigar uma *família extensa* - integrada por pais, mães, tios, primos e todos os parentes, com quase uma centena de pessoas - foi sendo

⁶ MELIÁ, Bartomeu, *Los Guarani Chiriguano - Nuestro Modo de Ser*. CIPCA, La Paz, 1988, p.23, 29. Tradução do autor.

transformada ao longo do tempo, passando por unidades habitacionais menores que abrigavam três ou quatro famílias cada uma. Eram casas de palha, com esteios de madeira, onde eram penduradas as redes de dormir. Esta relação *casa/oka* era fundamental na vida social e religiosa do grupo.

O *tekuá* é o conceito básico que expressa a unidade sócio-política Guarani. Representa uma maloca ou rancho e geralmente está identificada com a família extensa. É o termo utilizado para expressar o *lugar* onde o Guarani é o *produto* e o *produtor* de sua cultura. O *tenta*, ou *pátria* é relacionado com uma unidade social, com relativa autonomia econômica e política.

A experiência jesuítica

Os jesuítas desenvolveram sua ação missionária na América, com diferentes grupos nativos e em diferentes regiões, desde o norte do México até o sul do Chile. A região sul do Continente começou a ser explorada a partir de 1516, após a descoberta da foz do Rio da Prata, por Juan Díaz de Solís, quando procurava chegar ao Pacífico.

A Província Jesuítica do Brasil foi fundada em 1553; a do Paraguai, também denominada *Paraquária*, muito depois. De acordo com Furlong,

*... para Nóbrega, para Tomé de Souza y para Anchieta, el Paraguay era parte integrante de la misma expresión geográfica, esto es, del Brasil. Los mismos hombres de la Asunción, al requerir la presencia de los jesuitas que moraban en la Capitanía de San Vicente, confirmaban a los lusitanos la creencia de que correspondía a ellos aquella ciudad.*⁷



Formação Territorial Brasileira

A ocupação do Rio da Prata, segundo Darcy Ribeiro,

*... não se fez a partir de núcleos implantados na desembocadura, como seria de esperar. Processou-se desde um ponto de fixação assentado nas barrancas do Rio Paraguai, no interior do continente, a cidade de Assunção, nascida como pouso de aventureiros espanhóis que buscavam a serra de Prata, cuja suposta existência já dera nome à região inteira.*⁸

A cidade de Assunção fundada em 1536 por Juan de Ayala, passou a ser o principal

⁷FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires, Imprenta Balmes, 1969, p.25.

⁸RIBEIRO, Darcy. *Op. Cit.* p.469.

ponto de referência no processo de conquista e colonização das terras tradicionalmente ocupadas por nações nativas de Charrua e Guaraní. Estrategicamente situada no centro geográfico do Continente, vinculava-se pelos rios Paraná, Paraguai, Uruguai ao Rio da Prata e possibilitava ainda o acesso ao *Alto Peru*, atual Bolívia, onde se encontravam as cobiçadas jazidas de minérios de Potosí.

Sobre o sistema de catequese adotado no Vice Reino do Peru, em 1567, Ramón Gutiérrez refere-se:

*Os jesuítas (...) haviam optado por um tipo de ação evangelizadora que se denominava missão, ou seja, um avanço sobre as zonas indígenas não catequizadas ou sobre centros urbanos espanhóis, onde por um certo tempo se pregava e em seguida se retornava ao colégio ou residência central.*⁹

Somente em 1585 chegaram ao Paraguai os primeiros padres da Companhia de Jesus provenientes do Peru e em 1587 os do Brasil, uma vez que a partir de 1580, as coroas de Portugal e Espanha encontravam-se unidas.

Pelo lado espanhol, a primeira experiência jesuítica no campo das reduções foi a de Juli¹⁰, no Peru, que foi utilizada como referência na estruturação do processo reducional que então se instalava no Paraguai. A experiência brasileira dos aldeamentos e as estratégias de conversão praticadas pelo Padre Manuel da Nóbrega também foram consideradas nesse processo.



Plano da Redução de Juli (Peru)

Um dos primeiros registros sobre o conceito de *redução* é de Montoya:

*... llamamos reducciones a los pueblos de los indios, que viviendo a su antigua usanza en montes, sierras y valles, en escondidos arroyos, en tres, cuatro o seis casas solas, separados a legua, dos, tres y más unos de otros, los redujo la diligencia de los padres a poblaciones grandes y a vida política y humana, a beneficiar el algodón para con que se vistan; porque comúnmente vivían en desnudez, aún sin cubrir lo que la naturaleza ocultó.*¹¹

Em 9 de fevereiro de 1604, foi constituída a Província Jesuítica do Paraguai independente das Províncias do Peru e do Brasil. Segundo Armani, “Se designó como su

⁹ GUTIERREZ, Ramón. *As Missões Jesuíticas dos Guaranis*. Fundação Pró-Memória, Unesco. Rio de Janeiro, 1987, p.8.

¹⁰ A redução de Juli foi criada em 1578 nas margens do lago Titicaca, no Peru. Ali chegaram a conviver 9 000 índios divididos em quatro paróquias. Os jesuítas junto com os caciques coordenavam a administração civil e econômica da comunidade. ARMANI, Alberto. *op. cit.* p. 55.

¹¹ MONTTOYA, Antonio Ruiz de. *Conquista Espiritual Del Paraguay*. Asunción, Editorial El Lector, 1996, p.58.

primer responsable a Diego de Torres Bollo, antes Superior de la Reducción de Julí, dinámico y emprendedor”.¹²

A partir de sua experiência, o Padre Torres requereu do Governador do Paraguai e do Conselho de Índias¹³ que assegurasse alguns princípios básicos para a ação missionária que se iniciava. Princípios que se referiam à economia e à liberdade dos índios. Dentre eles, o principal era assegurar que os nativos estariam livres do serviço pessoal, mas encomendados diretamente ao Rei.

Desta forma, durante mais de cento e cinquenta anos os missionários jesuítas conviveram com os Guaranis, em diferentes regiões, estruturando o sistema reducional que em seu apogeu foi constituído por uma rede de trinta povoados, articulados por estradas, portos e ligações fluviais, entre estâncias de gado, lavouras e ervais, chegando a envolver cerca de 150 mil índios e a 457 jesuítas.¹⁴

Desta forma, a experiência da Paracuária insere-se no contexto colonial espanhol como um espaço de exceção. Um sistema social cooperativo, livre da encomienda. Para Ribeiro,

*Suas missões paraguaias constituem a tentativa mais bem sucedida da Igreja Católica para cristianizar e assegurar refúgio às populações indígenas, ameaçadas de absorção ou escravização pelos descendentes de diversos núcleos de descendentes de povoadores europeus, para organizá-las em novas bases, capazes de garantir sua subsistência e seu progresso.*¹⁵

Também foram fundadas reduções na região úmida do *Itatim*, hoje localizadas ao sul do Estado de Mato Grosso. Atacadas pelos paulistas em busca de escravos e abandonadas pelos jesuítas, estas reduções não prosperaram. As reduções do *Guairá* também foram sucessivamente atacadas pelos paulistas. Em 1626, os jesuítas liderados pelo Padre Montoya decidiram abandonar a região dirigindo-se para o Sul, na região do *Tape*, para as terras banhadas pelos rios Paraná e Uruguai, onde a partir de 1626 criaram cerca de 18 novas reduções em território localizado atualmente no sul do Brasil.

Continuamente atacados pelos paulistas, os índios receberam autorização para portar armas e a partir da batalha de *Mbororé*, em 1641, encerra-se o ciclo escravagista. Com as reduções arrasadas, padres e índios novamente se transmigraram para a margem direita do Uruguai, de onde começaram a retornar apenas em 1682.

Durante este período o gado trazido da Europa, abandonado, reproduziu-se livremente. Quando tornaram a ocupar a região, os rebanhos foram divididos formando a *Vacaria dos Pinhais*, nos campos de cima da serra e a *do Mar*, que se expandia até o Oceano Atlântico. Passados os ataques paulistas, a região enfim se desenvolveu.

O espaço missioneiro se constituiu assimilando a experiência dos padres jesuítas, com diferentes formações e nacionalidades, com o conhecimento da natureza, costumes e o *modo de ser* guarani, num processo que moldou características próprias.

A contribuição cultural guarani se deu nas formas de utilização da agricultura, na economia da reciprocidade e no espírito religioso. Tradicionalmente agricultores, participaram na diferenciação dos meios de produção: o *Tupamba'e* - *propriedade de Deus* era o campo comum que se destinava ao sustento das viúvas, crianças e doentes. Incluía as estâncias e

¹² ARMANI, Alberto. *Ciudad de Dios y Ciudad del Sol*. México: Fondo de Cultura Económica. 1996 p. 64.

¹³ O Conselho real e Supremo das Índias foi uma instituição espanhola, com sede em Madri, com status de ministério criada em 1524 por Carlos V, especificamente para assessorar ao Rei em aspectos relativos ao Novo Mundo.

¹⁴ FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires, (Imprenta Balmes), 1969. p. 315.

¹⁵ RIBEIRO, Darcy. *Op. Cit.* p.470.

os ervais que eram destinados ao pagamento de tributos ao Rei, aos gastos administrativos e aos bens usados nos cultos religiosos e nas festas. O *Avamba'e - propriedade dos homens* destinava-se ao cultivo para subsistência individual. Os índios trabalhavam, em dias alternados, nos dois territórios.

A *economia da reciprocidade*, base da sociedade *sem estado* da tradição guarani, foi adaptada e adotada nas reduções. A língua, traço fundamental do modo de vida dessa nação foi mantida, mas aos poucos foi sendo modificada nas formas e no conteúdo de suas expressões. A extinção dos pajés, que utilizavam a *palavra inspirada* como suporte às narrações míticas, à eloquência política e aos cantos, esvaziou parcialmente o significado da língua ancestral. Eles foram substituídos pelos novos representantes na relação cultural com a espiritualidade, os sacerdotes. A nova religião, católica, utilizava outras formas de discurso, se servia das orações, dos catecismos e das pregações. Usava como cenário o urbanismo, a arquitetura e as artes.

O espírito do *barroco* constituiu o suporte ideológico, para as novas práticas culturais, que se desenvolveram no espaço missioneiro. Ali estavam presentes, adaptadas, as casas e a *oka* da aldeia Guarani, reordenadas em torno da grande praça espanhola. Os padres, com seus conhecimentos artísticos e culturais, junto com os índios, criaram obras em um estilo que ficou conhecido como *barroco missioneiro*. As igrejas eram profusamente decoradas com *esculturas* de madeira policromada e *telas* pintadas a óleo. No exterior, relevos em pedra arenito geralmente representavam motivos religiosos ou elementos da flora e fauna nativas.

Inúmeros documentos registraram a vocação artística dos Guaranis. A música era executada por orquestras de índios que reproduziam instrumentos musicais europeus e americanos. As missas eram acompanhadas por corais e músicos tocando chirimias, harpas e violinos. Todos os povoados indígenas tinham seu coro, suas bandas de música e seus orfeões de instrumentos de corda, com 30 ou 40 músicos em cada redução. As músicas eram inicialmente de origem espanhola. Mais tarde, receberam influência italiana. Nas missões também estiveram compositores como o Padre Domenico Zipoli.

O Ambiente

Segundo os geógrafos Bacchi e Falcade¹⁶, em cuja pesquisa baseamos este item, a área que nos séculos XVII e XVIII serviu de local para a instalação das Reduções Jesuíticas da Província do Paraguai tem um espaço natural muito diversificado. Em termos de compartimentação geomorfológica encontram-se áreas de planalto, com variações significativas de altitudes desde 1300 até 200m. Estes planaltos com origens geológicas diversas diminuem lentamente de altitude em direção às calhas dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, espalhando-se em extensa planície que ocupa toda a zona centro-oeste do Brasil. Nesta vasta região, encontram-se terrenos cristalinos, com granitos e gnaisses, planaltos e escarpas de basalto, terrenos sedimentares, com arenito e calcáreo.

A ocupação jesuítica deu-se na Bacia Platina, a segunda bacia fluvial do mundo, que drena boa parte das águas do Brasil, Paraguai, Bolívia, Uruguai e Argentina. Uma região com fauna e flora riquíssimas, de florestas subtropicais onde a erva mate (*ilex paraguayensis*) aparece associada à canela e à araucária e dos campos do pampa que foram utilizados para a pecuária. Na região de maior concentração de reduções, hoje nos territórios paraguaio, argentino e brasileiro, a terra é vermelha, com muito óxido de ferro.

A relação entre a geomorfologia e a dinâmica atmosférica define a hidro-climatologia da região. O jogo de avanço e recuo das massas de ar tropical, continental e atlântica e polar

¹⁶ BACCHI, Luiz Carlos e FALCALDE, Ivanira. *O espaço do índio na Província Jesuítica do Paraguai*. Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Unijuí, 1989, p. 34- 47.

atlântica e pacífica, resulta em climas diferentes, com variações maiores ou menores de temperatura e ou precipitação.

Sobre a extensa planície do *Chaco*, forma-se uma massa de ar anticiclônica, que por tratar-se de área continental e tropical, é seca e quente, produzindo normalmente tempo estável. Já sobre o Atlântico, na altura do Paraná e São Paulo, forma-se uma massa de ar quente e úmida, portadora de instabilidade. E procedente das altas latitudes, a massa de ar polar é fria e úmida.

A maior parte da área analisada sofre a influência da massa de ar polar atlântica. No inverno é responsável por geadas, por esporádicas quedas de neve e dos ventos frios como o *minuano* e o *pampeiro*. Na primavera e outono, em contato com massas de ar quente, produz, nas zonas frontais, intensos temporais. Sobre eles, escreveu Padre Sepp “Logo ao princípio da primavera e outono, coisa rara na Europa, as Plêiades levantam tempestades, e Júpiter irado troveja, relampagueia, fulmina”.¹⁷

Como conseqüências desta dinâmica formam-se na região da Província Jesuítica do Paraguai dois tipos climáticos, o temperado, com temperaturas médias inferiores e superiores entre -3°C e 22°C e o tropical, mais quente, com temperaturas quase sempre superiores a 18°C .

Tipologia urbana missioneira

A base para a organização espacial das cidades espanholas na América foi estabelecida por sucessivas diretrizes denominadas Ordenações Reais para colonização do Novo Mundo. A compilação das diferentes Ordenações foi reunida em nove livros, com diferentes títulos, acerca de aspectos administrativos, econômicos, políticos e sociais, que passaram para a história com a denominação genérica de Leis das Índias.

Originados no contexto colonial espanhol, os povoados missioneiros também utilizaram as diretrizes administrativas e as referências urbanas vigentes para estruturar uma tipologia peculiar, morfológica e funcional, que pode ser considerada como uma variante da organização espacial espanhola adequada a um programa e a uma situação política e administrativa própria.

No que se refere às etapas por que passaram os ordenamentos urbanos no sistema reducional, podem-se reconhecer duas fases referentes à estrutura espacial interna onde as variáveis, território, arquitetura e organização espacial interagem, diferentemente:

- a *primeira fase* (século XVII), em que as povoações iniciais devem ter atendido às orientações genéricas das Leis das Índias e que, em princípio, correspondem às descrições dos inúmeros pequenos povoados – *aldeamentos* ou *pueblos de índios* – empreendidos durante a colonização espanhola e portuguesa na América.

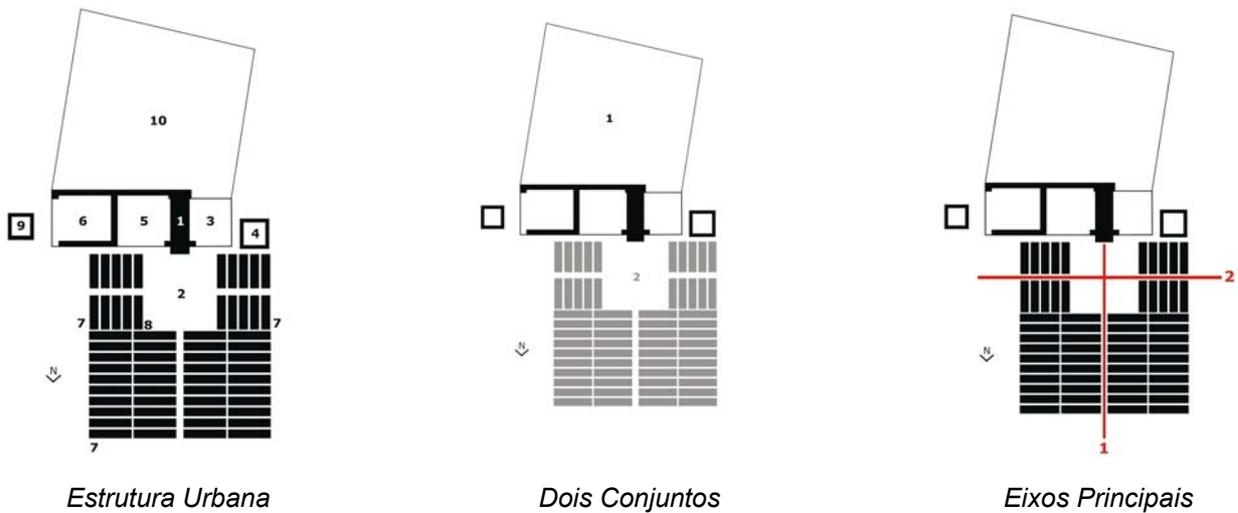
- a *segunda fase*, quando a redução missioneira adquire sua *autonomia compositiva e funcional* em relação ao traçado da cidade colonial espanhola, moldando características próprias, estruturando um *modelo espacial* reconhecível. Este pode ser denominado de *tipologia urbana missioneira* uma vez que caracterizou, distinguiu e permite identificar, especialmente, as reduções da Província Jesuítica do Paraguai.

A *tipologia urbana missioneira* se organizava a partir de um traçado viário estruturado por *duas ruas principais* que se encontravam no centro da praça, formando *uma cruz*¹⁸ e por

¹⁷ SEPP S.J., Antônio, *Viagem às missões Jesuíticas e trabalhos apostólicos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, p. 159.

¹⁸ Analisando as iconografias: Fig. 7 - Plano São João Batista (Arquivo de Simancas – Espanha); Fig. 8 - Plano São João Batista (Biblioteca Nacional – Paris, França); Fig. 9 - Plano de São Miguel Arcanjo – 1756

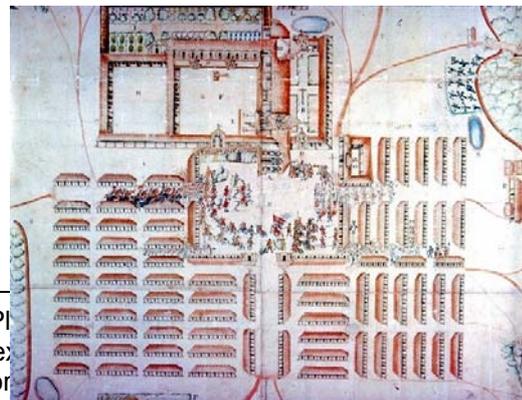
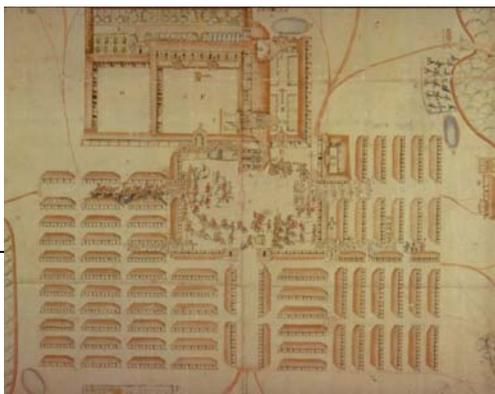
dois conjuntos básicos, dispostos no entorno da grande praça central.



O primeiro, um conjunto de edificações dominado pela Igreja que geralmente ocupava o ponto mais alto do sítio urbano. O segundo, se desenvolvia a partir das três outras faces da mesma praça, em blocos de edificações regulares, com uma mesma tipologia arquitetônica.

O primeiro conjunto era uma grande estrutura, com a igreja ao centro e de um lado o cemitério e do outro, o claustro e as oficinas e depósitos ao redor de dois pátios. No primeiro pátio, ficava a residência dos padres. Atrás deste bloco e cercada por um muro de pedra, localizava-se a quinta dos padres, com pomar, horta e jardim. Era uma estrutura fechada, organizada sobre um mesmo alinhamento frontal, com poucos e definidos acessos em relação à praça e ao restante do espaço público. Apenas o pórtico da igreja avançava sobre a praça e se sobressaía em relação ao alinhamento do conjunto. A enorme igreja era o principal marco morfológico e funcional da redução, constituindo-se no coração da mesma.

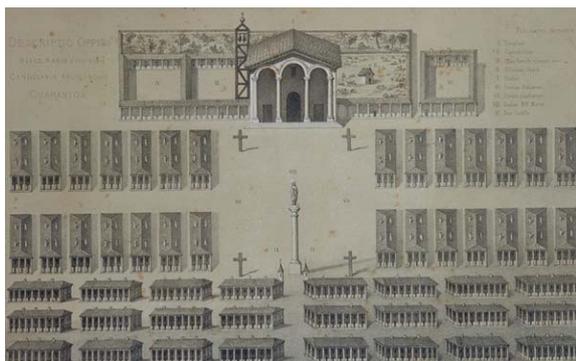
O segundo conjunto era estruturado a partir da praça e das vias principais, ao redor das quais se organizam, em lugar de quarteirões, grandes pavilhões avarandados, ortogonalmente distribuídos, com as habitações coletivas utilizadas pelos índios. Diferentemente do primeiro, o segundo conjunto era integrado por blocos de edificações de caráter aberto, rodeadas de galerias, avarandados ou porticados, cujos vãos conectavam os cômodos diretamente ao espaço público e permitiam que se circulasse por toda a povoação ao abrigo do sol e da chuva.



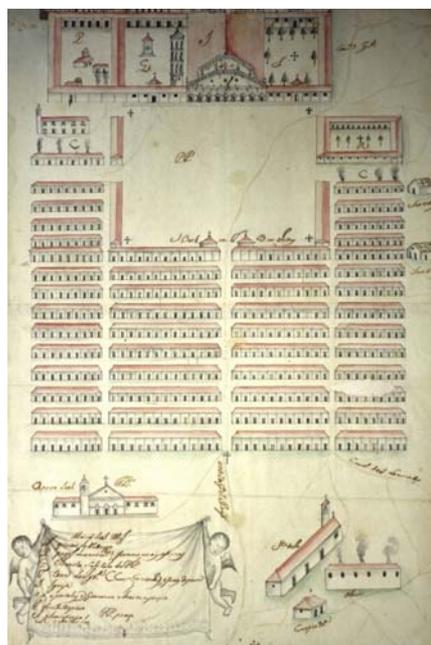
asil); Fig. 10 – Pl
ca evidente a e
ps), tanto na fo
aráter principal.

maraty –
ardum e
principais

João Baptista (Paris)
Plano de São João Baptista (Espanha)



Plano de Calendária



Plano de São Miguel Arcanjo

Alguns dos componentes da estrutura urbana missioneira variavam de posição nas diferentes reduções, mas obedeciam sempre a um mesmo esquema geral. As estruturas que mais mudavam de posição eram o cotiguaçú¹⁹, o *tambo*²⁰ e o *cabildo*²¹.

A praça era o espaço público e aberto onde se realizavam atividades cívicas, religiosas, culturais, esportivas e militares. Ali se realizavam as celebrações de colheitas, os desfiles militares, as procissões, os teatros sacros, os jogos esportivos e onde se exercia a justiça. A praça era o elemento estruturador da organização espacial de uma redução.

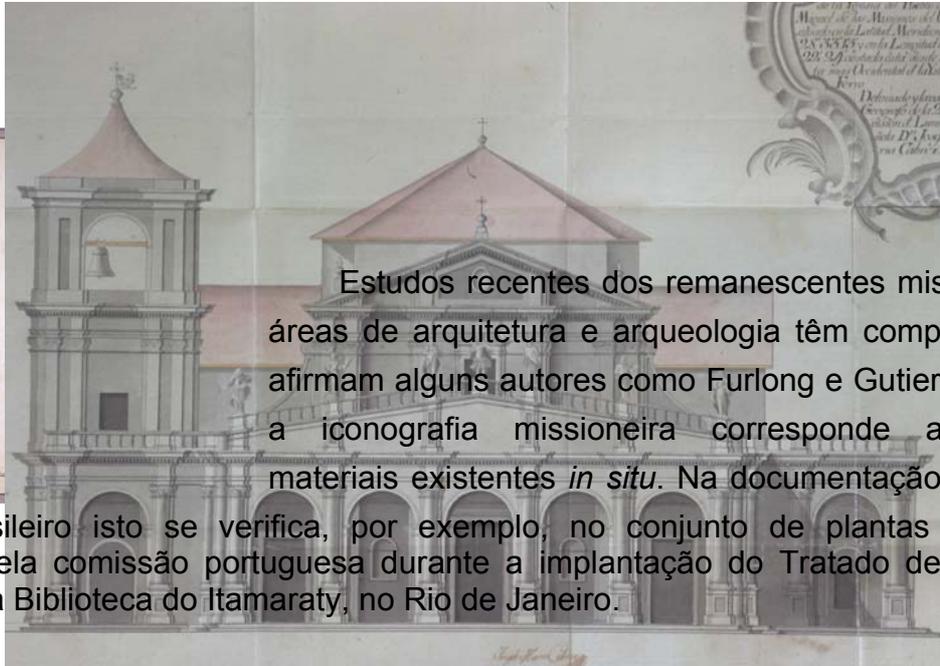
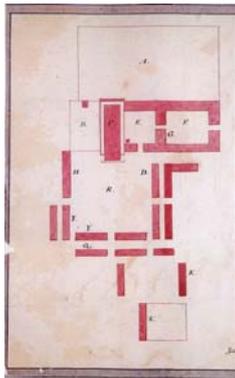
Em cada redução havia dois padres e até seis mil índios. Um era responsável pelos serviços religiosos enquanto o outro organizava as atividades cotidianas. Os índios dos diversos grupos ou parcialidades eram coordenados pelo conselho dos caciques que formavam o *Cabildo*, numa estrutura hierárquica, tipo militar, que correspondia à experiência do fundador da Companhia de Jesus.

Quando uma povoação atingia uma determinada população, entre 5 a 6 mil índios, era necessário planejar sua divisão, que era feita com a criação de uma nova redução e a divisão da população. Inicialmente eram destacados alguns índios que partiam para preparar o novo local e iniciar as plantações. Quando a estrutura básica já estivesse concluída, deslocava-se a população.

¹⁹ Edificação destinada às recolhidas: viúvas e órfãs.

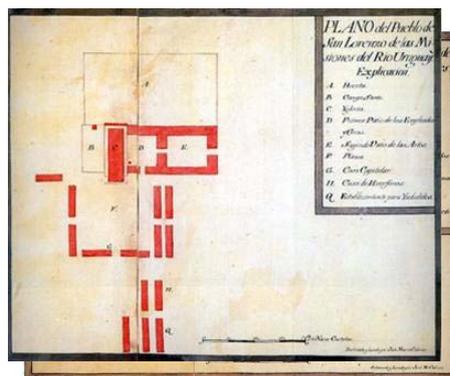
²⁰ Edificação usada como hospedaria para visitantes estrangeiros à redução.

²¹ Edificação usada para as reuniões do Conselho de Caciques no sistema reducional.



Estudos recentes dos remanescentes missioneiros nas áreas de arquitetura e arqueologia têm comprovado o que afirmam alguns autores como Furlong e Gutierrez: nem toda a iconografia missioneira corresponde aos vestígios materiais existentes *in situ*. Na documentação existente em território brasileiro isto se verifica, por exemplo, no conjunto de plantas de reduções elaboradas pela comissão portuguesa durante a implantação do Tratado de Madrid, hoje arquivadas na Biblioteca do Itamaraty, no Rio de Janeiro.

Plano de Santo Ângelo Custódio



Plano de São Lourenço Mártir

Plano de São Luis Gonzaga

Igreja de São Miguel Arcanjo, 1784, Cabrer.

Todas elas foram elaboradas sobre um mesmo esquema básico, que desconsiderou as peculiaridades de cada redução, tanto no que se refere à localização das edificações quanto às dimensões das mesmas. Isto também ocorre no Plano de São Miguel Arcanjo, de 1756, onde a disposição das casas dos índios não corresponde aos vestígios remanescentes no sítio arqueológico.

Por outro lado, tanto os desenhos de Cabrer, de 1784, como os de Demersay, de 1846, referentes à Igreja de São Miguel Arcanjo são mais exatos em sua representação.



Ruínas de São Miguel Arcanjo, 1846, Demersay.

Arquitetura

A arquitetura missioneira desenvolveu-se adaptando os padrões culturais europeus e a experiência dos nativos às condições materiais da região. As edificações missionárias caracterizam-se pela presença de alpendres, para a proteção do calor e das chuvas e pelos

grandes pátios internos, também alpendrados, da tradição europeia, sempre presentes nas edificações principais.

O primeiro autor a estabelecer uma classificação para as etapas pelas quais passou a arquitetura missioneira foi Hernán Busaniche. Ele definiu basicamente a evolução dos sistemas construtivos nas reduções, identificando:

*... tres etapas sucesivas en cuanto se refiere a la arquitectura. Durante la primera época que corresponde a las primeras fundaciones, la obra constructiva de los Padres es provisoria; (...) En la segunda etapa, y después del gran éxodo de las misiones, los pueblos se concentran y se consolidan; (...) La tercera etapa de esta arquitectura corresponde a la última época de las misiones; antes de la Expulsión...*²²

É somente na *terceira fase*, no período que corresponde ao seu apogeu, que aparecem obras mais sofisticadas, fruto da ação de jesuítas arquitetos que passam a utilizar sistemas construtivos europeus e a usar como referência a igreja de Jesus, de Roma, em substituição às edificações tradicionais usadas nas reduções.

Dentre os construtores dos primeiros tempos, citamos: Nicolas Mastrilli, Silvério Pastor, Roque González de Santa Cruz, Ignacio Henardt e Cristóbal de la Torre. Da fase em que as reduções se consolidaram, citamos Bartolomé Cardenosa. Em finais do século 17 chegou o grande arquiteto italiano José Brasanelli, que deixou uma grande obra arquitetônica e artística por suas qualidades como pintor, escultor e músico. Na mesma época chegaram Angel Camilo Petragrasa da Itália e Antônio Sepp da Alemanha. No início do século 18, veio o arquiteto Gian Baptista Primoli, de Milão, responsável pelos projetos do *Cabildo* de Buenos Aires, das Igrejas de São Miguel Arcanjo, de Trinidad e pelas estâncias de Córdoba, Alta Gracia e Jesus Maria. Na mesma época chegaram Andréa Bianchi e Antônio Forcada, provável construtor da Igreja de Jesus, projeto de José Grimau. Um outro grande arquiteto foi o suíço Martin Schmid que trabalhou em Concepción, mas sua grande obra foi nas missões de Chiquitos, onde foi o principal responsável.²³

De maneira geral foram utilizados nas missões os sistemas tradicionais de construção europeus adaptados às possibilidades técnicas e aos materiais existentes na região, que foram a base para as edificações nas diferentes etapas. A argila local era utilizada nas olarias missioneiras para fazer tijolos, pisos cerâmicos e telhas. A *tabatinga*, um barro esbranquiçado encontrado junto aos córregos, era utilizada como tinta para branquear as construções. O arenito, de diferentes veios e resistências, era utilizado nas construções e nos trabalhos de cantaria. A pedra *itacurú*, também conhecida como pedra cupim, era utilizada para fundações e para extração do ferro com que se fabricavam equipamentos,

²² BUZANICHE, Hernán. *La arquitectura en las misiones jesuíticas guaraníes*. Editorial Santa Fé, Santa Fé, 1955, p. 21-2.

²³ Estudos recentes de Bozidar Darko Sustersik propõem uma atualização nesta periodização, aplicáveis principalmente à evolução da arquitetura das igrejas, definindo quatro períodos: Segundo SUSTERSIK (1999), a primeira etapa (1610-1641) corresponde às construções de madeira, palha e pasto, usando a tradição construtiva Guarani das *og-guasú* – casa grande – como arquétipo para as igrejas missioneiras e a os *og-jekutu* – para as casas dos índios. Na segunda etapa (1641 – 1695) as edificações passaram a ter estruturas mais estáveis, *auto portantes*. O método de construção corresponde à tradição nativa de montar primeiro as coberturas e depois as paredes – de adobe, de ladrilhos ou pedra. A terceira etapa (1695 – 1730) corresponde à evolução das “casas clavadas”, com a introdução das abóbadas meias cúpulas nos transeptos de São Borja e São Nicolau. Este período corresponde também às *fachadas retábulos* e torres de pedra, de San Ignacio Mini e Concepción. Este período tem a marca do irmão Brasanelli e do padre Antonio Sepp e se consolida a *arquitetura tradicional missioneira*. A quarta etapa (1730-1768) é quando surgem as obras mais sofisticadas – as *igrejas sem pilares de madeira* – resultado da ação de jesuítas arquitetos que adotaram sistemas construtivos europeus, com a introdução de padrões de composição arquitetônica em estruturas com paredes portantes de pedra para suportar arcos e abóbadas de pedra. Nesta etapa se incluem São Miguel, Trinidad e Jesus.

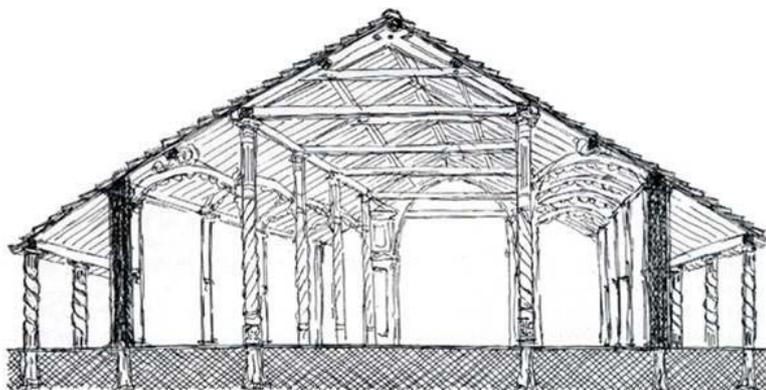
sinos e ferragens. O cedro (*Cedrela Tubiflora*) era a principal madeira utilizada nas construções e esculturas. Também o couro era utilizado em correarias e no mobiliário.

As igrejas

Um dos fatores evidentes de diferenciação na arquitetura das reduções eram as características de suas igrejas. A presença de padres de proveniências diversas e com diferentes formações, dentre os quais alguns arquitetos, moldaram, dentro da tipologia geral, certas características peculiares para cada povoado. Os edifícios mais requintados das reduções foram as igrejas, que envolveram a habilidade de arquitetos e artífices em sua construção. Sempre estiveram associadas, de um lado à casa dos padres e de outro ao cemitério.

Depois da fase inicial, caracterizada por construções simples, de utilização transitória, podemos descrever dois sistemas construtivos principais utilizados nas igrejas missionárias: o das estruturas independentes de madeira e o das paredes portantes, em pedra.

No primeiro caso o processo construtivo consistia em montar uma estrutura de madeira, composta por quatro carreiras paralelas de pilares alinhados entre si, que sustentam caibros nas duas laterais e tesouras de linhas altas, na cobertura da nave central.



São Miguel Arcanjo, Brasil.

Os pilares possuíam bases quadrangulares ou cilíndricas e às vezes são entalhados. As paredes externas de pedra ou adobe, os envolviam, possuindo o dobro de sua espessura. Posteriormente estas paredes eram rebocadas e pintadas, recebendo ornamentos em profusão. Internamente, conformavam um salão retangular dividido em três naves pelas linhas de pilares de madeira, com três portas frontais e, no mínimo duas laterais, uma para o cemitério e a outra para o claustro. Geralmente a capela-mór ocupava o espaço da nave central, e nas suas laterais estavam as duas sacristias, com portas para a mesma. A cobertura, em duas águas, geralmente avançava sobre o alinhamento da fachada, formando um alpendre frontal apoiado em quatro pilares, às vezes com três arcos que correspondem aos acessos à igreja.

No segundo caso, a edificação se apoiava em paredes *portantes*²⁴, duplas, executadas em pedra de cantaria, preenchidas internamente com pedras irregulares e barro. As naves laterais eram separadas da central por conjuntos de colunas ou por maciços que sustentam arcos de pedra ou tijolos. O forro da nave central geralmente possuía abóbada de berço de madeira e o das laterais com abóbadas de aresta de madeira ou tijolos. Sobre a capela mor, localizava-se uma abóbada de meia laranja, estruturada sobre um tambor de madeira, com

²⁴ Estruturas onde as paredes são responsáveis por suportar as cargas da edificação e sua cobertura.

coberturas planas. A maior parte das igrejas missionárias possuía apenas uma torre ou campanário, que se localizava independentemente no lado oposto ao batistério.

São poucas as obras desta fase concluídas antes da expulsão dos jesuítas. Nesta época foi descoberta e utilizada a cal na região, usada apenas nas igrejas de São Miguel e de Trinidad, no Paraguai.



Jesus, Paraguai.



Trinidad, Paraguai.

As obras da igreja de Jesus, também no Paraguai, ficaram interrompidas quando da expulsão dos Jesuítas, permanecendo inconclusa.

Segundo o Capitão Espanhol D. Francisco Graell, que visitou a igreja de São Miguel em 1756,

*A igreja é muito grande, toda em pedra grês, com três naves em 'meia-laranja', muito bem pintada e dourada, com um pórtico magnífico e de belíssima arquitetura; as abóbadas em forma de meia laranja são de madeira; o altar-mor é de entalhes sem dourar, faltando-lhe a última parte: no cruzeiro há três altares esculpidos, dois em estilo italiano, também dourados.*²⁵

²⁵ GRAELL, Francisco. *O passado missionário no diário de um oficial espanhol*. EDUNISC, Santa Cruz do Sul, 1998, p.89.

As casas dos índios

Nas missões, a casa da família-extensa da tradição guarani foi adaptada aos novos padrões de moral estabelecidos pelos padres, sendo subdividida em cômodos, que passaram a ser utilizados, cada um, para apenas uma família, evitando a poligamia. Estas unidades de habitação de forma retangular substituíram os quarteirões quadrangulares das ordenações espanholas.

Um sistema construtivo utilizado nos telhados missioneiros é o que usa sobre o caibramento de madeiras roliças, taquaras cortadas ao meio, dispostas lado a lado, ou esteiras de juncos, ao invés de ripas. Sobre elas, vão assentadas as telhas, sobre uma camada de barro. Este sistema, ainda utilizado na Argentina, favorece o condicionamento térmico. As fundações das casas missioneiras eram geralmente de pedra, tais como arenito, *itacurú* ou basalto.

Da mesma forma que as demais construções das reduções, a arquitetura das casas dos índios também passou por três etapas: a primeira, a das *choças*, construções precárias fabricadas de taquaras revestidas de barro e cobertas de palha. A segunda, de tijolos cozidos, adobes ou de pedra e barro. A terceira, algumas vezes com paredes e galerias de pedra de cantaria, por vezes trabalhadas; com arcadas de pedra (Trinidad), passeios pavimentados, pisos cerâmicos e portas de madeira trabalhada.

A economia rural

Dois produtos básicos se destacaram na economia missioneira. Um, nativo, integrante da tradição Guarani e que pouco a pouco foi sendo assimilado na colônia - a *erva-mate*. O outro trazido pelos europeus, e que provocou significativas transformações na paisagem e no comportamento da região - o gado. Ambos foram contribuições tipicamente missioneiras que vieram a configurar a base econômica da região.

O uso da erva mate foi inicialmente condenado pelos jesuítas. Pouco a pouco sua prática foi assimilada e sua produção ajudou a combater o alcoolismo entre os nativos. O cultivo da erva mate foi intensificado e se tornou um produto de grande interesse nos mercados coloniais. Posteriormente estabeleceu-se como grande indústria, sendo um dos principais produtos de exportação no comércio colonial.

Com a introdução do gado europeu, foram criadas grandes estâncias e as vacarias. Famosas foram as Vacarias do Mar e dos Pinhais, formadas no sul do Brasil. Cada povoado tinha uma retaguarda pecuária de enormes dimensões. São estâncias como a de São Miguel, no Brasil e de Japejú, Caleira de las Huérfanas e das Vacas, no Uruguai assim como um grande número localizado nas regiões de Tucumán, Santa Fé e Córdoba, na Argentina. Vinculada à produção da carne e do couro, estava a do leite e todos os seus derivados.

Do ponto de vista da arquitetura, as estâncias adotam um partido semelhante ao do conjunto principal das reduções, com algumas variações: uma igreja tendo ao lado a residência dos padres, disposta ao redor de um ou dois pátios. As residências dos padres podem ser de dois pavimentos. Atrás deste conjunto, o pomar, cercado, com equipamentos complementares.

Por todo o território das estâncias e dos ervais, a iconografia encontrada aponta a existência de outras edificações como capelas ou postos de guarda, onde sempre estão presentes as cruzes. Cercados de pedra, também fazem parte destes equipamentos, sendo utilizados para reunir os rebanhos e cavalos.

Outros produtos importantes na economia missioneira foram o trigo e o algodão. O primeiro, propiciou a criação de moinhos que também abasteciam outras cidades coloniais espanholas e o segundo era utilizado nas tecelagens.

A decadência

A propalada pujança do sistema reducional e sua relativa autonomia despertaram diferentes campanhas contra os jesuítas que foram considerados uma ameaça política. A principal campanha foi capitaneada pelo português Marquês do Pombal que conseguiu articular a reação efetiva das duas coroas.

O tratado de Madri celebrado entre Portugal e Espanha em 1750 determinou, entre outras coisas, que os povoados dos Sete Povos²⁶ fossem abandonados e que as terras da Banda Oriental²⁷ passassem ao domínio português, em troca da Colônia do Sacramento²⁸. Houve reação dos Guaranis que após algumas *demarches* decidiram lutar, provocando a Guerra Guaranítica²⁹. Como consequência deste processo os Jesuítas foram expulsos de Portugal (1759), da Espanha (1767)³⁰ e da América (1768). Furlong aponta:

*Un análisis sereno, a base de la inmensa documentación ahora existente, nos lleva a la conclusión que dos, y solo dos, fueran los causales de la expulsión y la extinción de la Compañía de Jesús. Las reducciones establecidas por ésta en toda la extensa frontera luso-hispana impedían el avance de los portugueses sobre los territorios hispanos, y era menester tan taimada como eficazmente acabar con esta muralla, y Portugal, gracias a Carvalho, que preparó los espíritus, envenenando-los con las calumnias más arteras, logró lo que pretendía, y pudo así apropiarse, solo en el Río de la Plata, de un tercio de lo que era español. Esa fue la primera causal. La segunda, fue que los jesuitas, en conformidad con las tradicionales doctrinas dominantes entre los católicos acerca de la origen del poder, (...) del origen divino de los Reyes, (...) sostenían que la autoridad viene de Dios, pero no a los Reyes, directamente, sino a los pueblos, y estos la otorgan al príncipe condicionalmente, mediante una especie de contrato político, con deberes y derechos por parte de ambos contratantes.*³¹

O Marquês de Pombal, em sua obra de 1757 referente à ação jesuítica nas missões - Carvalho (1989) - apresenta documentos e os acusa, entre outras coisas, de: proibir o acesso de eclesiásticos e particulares nas missões; proibir o uso do idioma espanhol nas reduções; promover uma catequese que determinava a obediência cega aos jesuítas, o que é pior que escravidão; ensinar que não existia na terra poder superior aos dos padres, fazendo com que ignorassem que tinham um Rei; manter a ignorância acerca da existência de leis que não fossem as dos padres; fazer crer que todo homem branco era igual ao demônio e portanto inimigo; exercitar os índios para a guerra; incitar os índios contra os dois monarcas.

²⁶ Denominação utilizada para os povoados localizados na Banda Oriental do Rio Uruguai, - os Sete Povos *insurretos*.

²⁷ Atual República Oriental do Uruguai.

²⁸ Povoação Portuguesa fundada em 1680, em território *espanhol*, na margem esquerda do Rio da Prata, na altura de Buenos Aires. Ver SÁ, Simão Pereira de. História topográfica e bélica da nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata. Porto Alegre: Arcano 17, 1993. 2 v.

²⁹ A Guerra Guaranítica (1754-1756) uniu as cortes portuguesa e espanhola contra a reação dos missioneiros. Classificada por muitos autores como um genocídio e, segundo Tau Golim, foram mortos nesta guerra mais de 1 800 índios. GOLIM, Tau. 1998, p. 597.

³⁰ Por *Decreto Real* de 21 de fevereiro de 1767. GOLIM, Tau. 1988, p. 214.

³¹ FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, 1978, p.23.

Os povoados missioneiros passaram a partir de então a ser gerenciados por administrações civis e outras ordens religiosas que não deram continuidade ao *sistema reducional*. Muitos nativos foram levados para outras regiões ou abandonaram suas reduções. Os novos colonos europeus que chegaram à região em fins do século 19 contribuíram para a destruição dos remanescentes, retirando seus materiais para fazer novas construções. Passado um século, restaram apenas vestígios arqueológicos e populações descontextualizadas.

Tal desfecho não foi exatamente igual nas missões de Chiquitos na Bolívia. Com um processo histórico semelhante, mas com uma localização isolada pela floresta tropical de difícil acesso, acabaram não sendo destruídas apesar das nefastas administrações civis. Até hoje os povoados continuam mantendo suas populações, sua arquitetura e muitos dos antigos costumes missioneiros. No século 19, algumas transformações ocorreram em grande parte dos espaços urbanos chiquitanos, com a aglutinação dos quarteirões tradicionais constituídos pelas habitações coletivas, em quarteirões semelhantes aos propostos pelo urbanismo espanhol: quadrados com espaço central.

Em meados do Século 20, a partir da ação determinada do arquiteto suíço Hans Roth, que veio trabalhar na *chiquitania*, iniciou-se um processo de restauração e valorização do patrimônio arquitetônico, urbanístico e cultural daquela região. As edificações em adobe passaram a ser conservadas ou reconstruídas e o antigo *cabildo* indígena, valorizado, voltou a ter papel social, mesmo dentro do estado republicano contemporâneo.

Muitas das práticas sociais e comportamentais mantiveram-se e atualmente são incentivadas num projeto de valorização das antigas tradições. A base cultural deste grupo étnico, em muitos aspectos semelhantes às dos guaranis, não sofreu solução de continuidade: a economia da reciprocidade, o trabalho conjunto (*a minga*) e a religiosidade, que ainda representam o encontro e a fusão de duas culturas, a nativa e a européia.

O cenário barroco, decorado em profusão, revitalizado por um processo de construção e apropriação coletiva, emoldura as práticas sociais. Nas missas, os velhos músicos nativos ainda tocam seus violinos e os corais de jovens interpretam músicas do século 18, em sua língua nativa e em latim, utilizando partituras missioneiras recentemente descobertas. Os cabildantes com seus bastões, ocupam local de destaque na encenação da missa. E se verifica, ao vivo, a semelhança entre os traços dos nativos e as feições das pinturas e esculturas sacras, configuradas em anjos, arcanjos, santos e querubins dos retábulos missioneiros.

A renovação e adaptação à contemporaneidade são evidenciadas nas novas formas de agenciamento das praças principais. Os antigos terreiros, livres e abertos, passaram a receber arborização, canteiros geométricos, passeios calçados e iluminação pública. As casas, ainda de adobe, são pintadas e portam, orgulhosas, como símbolo da modernidade, antenas de televisão.

Um conjunto de comportamentos culturais, signos e símbolos que relacionam estas populações com as práticas sociais das antigas reduções ainda estão presentes, tais como os diferentes toques dos sinos, que comunicam mensagens por todos reconhecidas, que os convocam a se reunir.

Significados

Dentre as idéias principais que influenciaram o campo da arquitetura e dos ordenamentos urbanos, entre os séculos XVI e XVIII, estava a herança do *renascimento*, o apogeu do *barroco* e o início do *maneirismo*. Movimentos intelectuais que nascidos na Itália,

espalharam sua influência pela Europa, gerando formas e linguagens peculiares em diferentes ambientes, pela mão de diferentes autores. Estes preceitos foram trazidos enquanto bagagem cultural ao Novo Mundo, na forma de diretrizes para representar a civilização européia. Após a conquista e durante o processo de miscigenação, assumiram novas variantes decorrentes de diferentes processos de aculturação.

A origem e o significado da proposta do sistema reducional foi sempre objeto de inúmeras interpretações. Muitos autores buscam semelhanças em obras como A República de Platão, A Utopia de Tomás Morus, ou A Cidade do Sol de Tomás Campanella, entre outros. Furlong admite a influência que tiveram nas reduções os trabalhos dos franciscanos e as práticas de outras reduções, em particular as de Julí, no Titicaca. Segundo ele,

*Aunque los jesuitas que fundaran las Reducciones de Guaraníes conocían y apreciaban los escritos de Platón, inclusive sus libros De República, poco o nada debieran de influir las doctrinas del filósofo griego en la organización de aquellas poblaciones. (...) Algunas de las analogías son, por cierto, simples coincidencias, fruto, en uno y otro caso – en la teoría del filósofo griego y en la realización guaraníca – del buen sentido y de la experiencia de los siglos, tan sabiamente condensada en las Leyes de Indias.*³²

Apesar dos ordenamentos urbanos propostos para as novas terras descobertas terem sido orientados a partir dos ideais do *renascimento* (racionalidade das propostas, ortogonalidade dos espaços, etc.), pode-se dizer que foi o *barroco* que definiu o espírito e a configuração da arquitetura e da arte colonial na América, tanto no lado espanhol quanto no português. Em suas diferentes feições (na perspectiva monumental, no espaço cenográfico, na teatralização do uso, etc.), como estilo da Contra-Reforma, o barroco foi utilizado, historicamente, pela Igreja Católica como suporte às suas ações de persuasão.

Sob diferentes denominações como *criollo*, mestiço, ou mesmo missioneiro, o barroco se expressava na profusão das formas curvas e no exagero da dramaticidade. No Novo Mundo fez escola e deixou um enorme acervo artístico de pintura e escultura, utilizando como tema basicamente a motivação sacra.

Nas reduções, o espírito barroco conjugou no espaço físico das igrejas e das praças as manifestações imateriais das orquestras, dos coros em latim, da dança e da encenação, das celebrações sacras, missas, procissões, enterros e das festas, com ritos e vestimentas especiais.³³ Complementando o espetáculo, estavam flores, plumagens, incensos, as chamas das velas, tochas, os toques dos sinos, além do rufar freqüente dos tambores das rondas noturnas nas galerias do casario.

Também não se poderia mencionar a arquitetura jesuítica sem citar a igreja de Gesú,³⁴ de Roma. Além de ser um marco identificador da matriz da Companhia, ela será amplamente utilizada como arquétipo nos projetos jesuíticos³⁵ em todos os continentes, inclusive nas reduções da Província Jesuítica do Paraguai e na igreja de São Miguel.

Conclusão

³² FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p.181.

³³ No inventário de 1768, de São Miguel, se menciona a existência de “...todos los trajes de los danzantes...”. FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p.177.

³⁴ Projeto inicial de Iacopo Barozzi, dito *Il Vignola*, arquiteto e teórico italiano (1507-1573) que escreveu em 1562 as *Regras das cinco ordens da arquitetura*.

³⁵ A chamada *arquitetura jesuítica* usou este projeto como referência principal. Na América espanhola, no Brasil e inclusive no Oriente, em Macau. Segundo Brandi, “ma l’importanza della chiesa, per l’ordine dei Gesuiti che si espanse in tutto il mondo fu enorme”. BRANDI, Cesare. *Disegno dell’architettura italiana*. Torino: Einaudi, 1985. p. 143

Do ponto de vista do urbanismo, a experiência missioneira apresenta peculiaridades que lhe confere suma importância no panorama da história mundial. A maioria das povoações criadas a partir dos planos pós-renascentistas espanhóis, teve seus elementos estruturadores como o traçado, a ocupação, os limites e a estrutura fundiária, definidos em projetos de base bidimensional, isto é, em seu traçado. Isto permitiu conferir aos espaços urbanos das cidades de origem colonial espanhola, configurações diferenciadas, decorrentes dos processos de ocupação peculiares de cada assentamento, de acordo com fatores sócio-econômico-culturais específicos em cada tempo e lugar.

Nas missões, o plano ideal definiu-se como uma tipologia e foi aplicado em sua tridimensionalidade; isto é, além do traçado, a arquitetura dos povoados foi construída integralmente, sendo a fórmula repetida no mínimo em trinta casos, junto aos Guaranis e dez, entre os Chiquitanos. Casos que apresentaram pequenas variantes, principalmente no que se refere à arquitetura ou à disposição de alguns elementos nos conjuntos. Esta tipologia é plenamente reconhecível como o do espaço missioneiro. Ao lado da arquitetura, estavam práticas sociais características, relacionadas com o funcionamento do sistema reducional missioneiro.

Casos como o das reduções jesuítico-guaraní, fruto de uma concepção urbana integral, que conjuga o espaço estruturado com práticas sociais específicas, numa proposta construída e praticada ao longo de gerações, são uma raridade na história do urbanismo.

Por último, cabe mencionar o caráter utópico que foi atribuído às reduções da Província Jesuítica do Paraguai. Esta denominação já foi objeto de ampla discussão por diferentes autores, em diferentes épocas, sob o enfoque de diferentes disciplinas. Na visão do antropólogo Bartomeu Meliá, a questão da utopia missioneira pode ser considerada como uma armadilha da própria história.

*La hipótesis de que las Reducciones guaraní-jesuíticas del Paraguay hayan actualizado en la historia una utopía, es una de las trampas que la propia historia ha colocado en su camino. Tal vez sería lo más práctico desconocer y pasar por alto esta cuestión que por muchas razones hace parte del imaginario ideológico con que se ha disfrazado la propia historia. Las reducciones guaraní-jesuíticas son probablemente mucho menos que una utopía, pero también son mucho más que una utopía, precisamente porque no pueden ser reducidas a ella. Las reducciones guaraní-jesuíticas tuvieron lugar...*³⁶

As Missões, no entanto, fizeram parte da realidade do sistema colonial. No contexto do século XVIII, São Miguel Arcanjo era um *lugar* diferenciado. Um lugar de *utopia*. E ainda hoje o é...

³⁶ MELIÁ, Bartomeu. *Y la utopía tuvo lugar...* In. *Un camino hacia la arcadia*. AECI, Madrid, 1995. p.33.

Referências Bibliográficas

- AGUILERA ROJAS, Javier e MORENO RELAX, Luis J. *Urbanismo Espanhol en América*. Editora Nacional, Madrid, 1973.
- ARMANI, Alberto. *Ciudad de Dios y Ciudad del Sol*. México: Fondo de Cultura Económica. 1996.
- BACCHI, Luiz Carlos e FALCALDE, Ivanira. *O espaço do índio na Província Jesuítica do Paraguai*. Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Unijuí, 1989.
- BUZANICHE, Hernán. *La arquitectura en las misiones jesuíticas guaraníes*. Editorial Santa Fé, Santa Fé, 1955.
- CALVO, Luiz Maria. *La Compañía de Jesús en Santa Fé*. Ediciones Culturales Santafesinas, Santa Fé, 1993.
- CARVALHO e MELO, Sebastião José de. *República Jesuítica Ultramarina*. Transcrição da primeira edição de Lisboa 1757, Martins Livreiro, Porto Alegre, 1989.
- CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. *São Miguel Arcanjo, Levantamento cadastral*. Ministério da Cultura, IPHAN, Porto Alegre, 1994.
- DE CURTIS, Julio N. B. *O espaço urbano e a arquitetura produzidos nos sete povos das missões*. In *Arquitetura no Rio Grande do Sul*. Mercado Aberto, Porto Alegre, 1933.
- DELSON, Roberta Marx. *Novas Vilas para o Brasil Colônia*. Editora Alva Ltda. Brasília, 1998.
- ESTERAS, Cristina e GUTIERREZ, Ramón. *La misión de Julí y su influencia en las misiones de Paraguay*. Revista Dana, Nº17, Buenos Aires.
- FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires, Imprenta Balmes, 1969.
- _____. *Los Jesuitas y la cultura rioplatense*. Montevideo, Ediciones Universidad del Salvador, Buenos Aires, 1984.
- GRAELL, Francisco. *O passado missioneiro no diário de um oficial espanhol*. EDUNISC, Santa Cruz do Sul, 1998.
- GUTIERREZ, Ramón. *As Missões Jesuíticas dos Guaranis*. Fundação Pró-Memória, Unesco. Rio de Janeiro, 1987.
- KERN, Arno Alvarez. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.
- KÜHNE, Eckart. *Las misiones Jesuíticas de Bolivia - Martín Schmidt 1694-1772*. Pro Helvetia, Zürich, Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, 1996.
- LEAL, Fernando Machado. *São Miguel das Missões – estudo de estabilização e conservação das ruínas da igreja*. Revista do IPHAN, n.19, Rio de Janeiro, 1984.
- MAYERHOFER, Lucas. *Reconstituição do Povo de São Miguel das Missões*. Tese de Concurso, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1947.
- MELIÁ, Bartomeu, *Los Guaraní Chiriguano - Nuestro Modo de Ser*. CIPCA, La Paz, 1988.
- _____. *Y la utopía tuvo lugar... in Un camino hacia la arcadía*. AECL, Madrid, 1995.
- MONTOYA, Antônio Ruiz de. *Conquista Espiritual del Paraguay*. Asunción, Editorial El Lector, 1996.
- PINHEIRO, José Feliciano Fernandes, Visconde de São Leopoldo. *Anais da Província de São Pedro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil – 1500/1720*. Tese de Concurso. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1964.
- RIBEIRO, Darcy. *A América e a Civilização*. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ. 1977.
- SEPP S.J., Antônio, *Viagem às missões Jesuíticas e trabalhos apostólicos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- SOUZA, José Otávio Catafesto de – *O Fantasma das Brenhas: Etnografia, Invisibilidade e Etnicidade de Populações Originárias no Sul do Brasil (RS)*, PPGAS – UFRGS, 1998.
- STEFANO, Roberto di et alli. *Per La Conservazione delle Missiones Guaranies*, in *Revista Restauro*, 56,57,58, Napoli, 1981.
- SUSTERSIK, Bosidar Darko. *Templos Jesuítico-Guaraníes*. Facultad de Filosofía y Letras – UBA – Buenos Aires, Argentina, 1999.